

6.1.1985

Domingo

PAZ

por Mário Ferro (texto) e Asaías Inguane (fotos)



O brinde entre o Presidente Samora Machel e o embaixador soviético, Yuri Sepeliyov, e o Embaixador norte-americano, Peter Jon de Vos



Samora Machel dialogando com João de Deus Ramos, Encarregado português (à direita) na presença dos embaixadores checoslovaco, norte-americano e britânico



«Desejamos muita coragem» — disse Jacques Buguet, Encarregado francês. «Coragem? Coragem tem-o Povo moçambicano há 21 anos» — respondeu Samora Machel



O Chefe do Estado com o Embaixador da RDA, Helmut Matthes: A RFA vai reconstruir uma residencial imperial e a RDA também irá proceder ao restauro de uma casa construída por alemães no tempo colonial

O tema foi a paz. Sobretudo, o que cada um dos representantes diplomáticos dos cinco países membros permanentes do Conselho de Segurança da ONU, poderá fazer para que os respectivos governos participem nos esforços para o estabelecimento da paz na África Austral.

Qual a participação de cada um dos referidos países — EUA, URSS, China, França e Grã-Bretanha — para que o Acordo de Nkomati produza, de facto, os seus frutos? Que fazer para acabar com o banditismo armado — essa forma organizada de terrorismo a partir de países vizinhos e concentrada em certas capitais europeias? Que passos poderão ser dados, se tivermos em conta que a URSS e a China são aliados de Moçambique e que a Grã-Bretanha, EUA e França são aliados da África do Sul?

Poderá ser que os Estados Unidos venham a fornecer armas ao nosso País? Que a Grã-Bretanha forneça barcos para o patrulhamento da nossa costa? Que a China venha a enviar soldados para Moçambique, para, ao lado das Forças Armadas Moçambicanas, participe na defesa da soberania e integridade territorial do nosso País? Ou que a União Soviética venha a ter uma maior participação na liquidação do banditismo armado?

— «O meu povo interroga-se por que ainda não chamámos os nossos aliados para liquidar com o banditismo armado. É um direito que temos!» — disse Samora Machel, ao dialogar com os embaixadores.

E por que razão os EUA, a França e a Grã-Bretanha não auxiliam Portugal a acabar com o banditismo no seu território — afinal os lacaios, que se apresentam como chefes do terrorismo, são cidadãos portugueses, moleques dos seus patrões!

«Peça ajuda aos EUA, à França e à Grã-Bretanha para acabar com esses portugueses malandros» — disse o Chefe do Estado ao Encarregado português, João de Deus Ramos, a quem lhe perguntou: «Sr. Encarregado: Pensa que aquele palácio (apontando para a Ponta Vermelha) poderá vir a ser habitado por um colonialista?»

A resposta de João de Deus Ramos foi um «não», permitindo que Samora Machel lhe fizesse recordar que «conhecemos quem são os bandidos» — os «verdadeiros bandidos», com ligações com membros do Governo português. «Não queremos escândalos» — disse o Chefe do Estado e, por essa razão, «não publicamos os seus nomes».

Eric Vines, Embaixador britânico, disse que «iremos ajudar Portugal», enquanto Jacques Buguet, Encarregado francês, afirmou que, certamente, «o Presidente Mitterrand irá falar com o Primeiro-Ministro Mário Soares». Peter Jon de Vos, Embaixador norte-americano, também se ofereceu com o mesmo objectivo.

«São um punhado, Sr. Encarregado» — disse Samora Machel. A China poderia receber esse grupelho de terroristas, concordou Wang Hao, Embaixador chinês, mas com o compromisso, conforme fez lembrar o Encarregado português, de não o enviar para Macau...

Mas Yuri Sepeliyov, Embaixador soviético, que havia dito anteriormente que se associava às palavras do «meu distinto colega norte-americano» para se fazerem todos os possíveis para acabar com o banditismo, recordou a falta de mão-de-obra na Sibéria para a construção de linhas férreas e outras infra-estruturas...

No diálogo houve humor, fez-se diplomacia com espírito, com mordacidade e com habilidade. Entre o brinde e o riso, entre a amabilidade e a elegância, uma coisa é certa: não se brincou! ■